



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED  
CURSO DE PEDAGOGIA  
SIMONE PATRICIA RODRIGUES

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENFOQUE NA  
AFETIVIDADE**

FLORIANÓPOLIS

2013

**SIMONE PATRICIA RODRIGUES**

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENFOQUE NA  
AFETIVIDADE**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação - Curso de Pedagogia – Orientadora Professora Dr<sup>a</sup> Patrícia de Moraes Lima.

SIMONE PATRICIA RODRIGUES

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENFOQUE NA  
AFETIVIDADE**

Monografia apresentada para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação - Curso de Pedagogia – Orientadora Professora Dr<sup>a</sup> Patrícia de Moraes Lima.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia Moraes de Lima  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Borges de Sousa

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Nazário

Florianópolis, julho de 2013.

## AGRADECIMENTOS

É com muita emoção e com a satisfação de ter vencido mais uma etapa na busca pelo conhecimento que teço aqui alguns agradecimentos.

A Deus por ter me concebido o dom da vida, a sabedoria e a perseverança. Ter dado forças quando me faltavam.

A meus pais Egídio João Rodrigues e Maria de Lourdes Coelho Rodrigues, que me deram a vida.

A meu padrasto Odílio Hermenegildo Rodrigues (In memorian) pelo incentivo.

As minhas filhas Anelise e Camila, minhas companheiras, que amo tanto e com toda compreensão e docilidade não reclamaram das tardes solitárias, dos finais de semana e de todos os momentos que não podemos usufruir. Pois nestes momentos, na maioria das vezes estava envolvida com trabalhos acadêmicos.

A meu marido Jonas Vieira, que abraçou a causa dando-me o suporte necessário, para que eu frequentasse a faculdade de Pedagogia.

As minhas irmãs Schirle, Carla, especialmente a Suzy que sempre me incentivou no que se refere aos estudos.

A Professora Dr<sup>a</sup> Patrícia de Moraes Lima, orientadora do TCC. Soube com sabedoria transmitir o conhecimento adquirido, não medindo esforços para o meu desenvolvimento e aprimoramento.

A Professora Dr<sup>a</sup> Angela Scalabrin Coutinho que sugeriu o tema Relações Pedagógicas.

As colegas do curso de Pedagogia. Pelas tardes vivenciadas no CED. E por todos os momentos vivenciados. Obrigada pelos conselhos, pelas escutas, pelas relações estabelecidas e vínculos que serão eternos.

Aos profissionais do Centro de Educação Infantil São José I. Obrigada pela compreensão, disposição e incentivo.

Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para o êxito de minha formação.

Aos profissionais do Centro de Educação Infantil São José I. Obrigada pela compreensão, disposição e incentivo.

Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para o êxito de minha formação.

*“Se cada um cultivar afeto, beleza e lealdade em seu ambiente, por pequeno que seja isso há de espalhar claridade no mundo”. Lya Luft*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ruan: momento de interação, afetividade e carinho.....	24
Figura 2 – Thiago: momento de interação, afetividade e carinho.....	24

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	7
1.1 AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE ATRAVESSA A PESQUISA.....	9
1.2 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A INFÂNCIA.....	13
1.3 A AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	19
2.1 A PESQUISA DE CAMPO.....	19
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	21
3.1 INFÂNCIA E AFETIVIDADE: INDICATIVOS QUE AS CRIANÇAS NOS OFERECEM PARA PENSAR O AFETO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	28

## INTRODUÇÃO

O tema “afetividade” é o fio condutor no presente trabalho. Sendo que o tema em questão me persegue há muito tempo, sempre esteve presente em mim, a preocupação de fazer a pesquisa em torno da afetividade e suas influências nas relações pedagógicas nos espaços das instituições de Educação Infantil. A escolha deste tema deu-se pelas inquietações que foram surgindo quando cursava o magistério em nível médio, quando da conclusão do mesmo no ano de 2007. Acredito nas interações e relações entre crianças e adultos na Educação Infantil, sendo assim pretendo colaborar e aperfeiçoar minha prática pedagógica tendo como centralidade a afetividade. Assim, busco uma maneira de compreender como a afetividade atravessa as relações pedagógicas que se estabelecem nos espaços destinados a Educação Infantil. No que diz respeito às práticas pedagógicas, a Resolução nº 5 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil contempla.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências, sensoriais, expressivas, corporais que possibilitam movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. (BRASIL, 2009, p.3)

O respeito mútuo, o diálogo, a solidariedade são pontos que devem permear as relações imbuídas de afetividade. Respeitando as diferenças entre os indivíduos seja este criança, adulto, professores das instituições ou colaboradores. As crianças precisam e devem saber que todas as pessoas são dignas de respeito, não importando sexo, idade, cultura, raça, religião, classe social. Neste contexto da educação infantil o profissional que atua com os pequenos tem o papel de apresentar os valores, a ética para que juntos possam construir uma imagem positiva de si e do “outro”.

A pesquisa foi realizada durante o estágio obrigatório da disciplina de Educação e Infância VII: estágio em educação infantil, no período de março a julho do ano de 2012, com o grupo 3A que era composto por (10) meninos e (5) meninas com idade que completariam 3 anos no decorrer do ano em questão. A unidade de educação infantil pertence à rede municipal de educação de Florianópolis. Os sujeitos da pesquisa são os profissionais da Educação Infantil e as crianças que constituem os tempos e espaços das instituições que prestam atendimento a esta faixa etária.



Tendo como objetivo apresentar reflexões a respeito do papel do professor e as relações que são estabelecidas no contexto em questão. Como também a relação com as famílias das crianças que frequentam a educação infantil. Acredito que este processo não deve dissociar-se da afetividade. Pesquisar os teóricos e suas obras que dissertam acerca do tema em questão. A partir dos textos lidos, do percurso no curso de Pedagogia e das minhas observações das práticas pedagógicas que presenciei e fiz parte, tenho algumas indagações a respeito do tema escolhido para o TCC. Espero que no decorrer da pesquisa possa encontrar algumas respostas para as dúvidas que no momento existem.

1 – Como o afeto aparece relacionado às experiências vividas pelas crianças na primeira infância?

2 - Os professores dividem o afetivo do cognitivo nas práticas pedagógicas com as crianças pequenas?

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta as concepções de infância e prática pedagógica que atravessa a pesquisa, contribuições dos estudos e pesquisas sobre infância e a afetividade nas práticas da educação infantil. No segundo capítulo aborda a pesquisa de campo, que forneceu elementos para o trabalho em questão. O terceiro capítulo contempla a infância e afetividade: infância e afetividade: indicativos que as crianças nos oferecem para pensar a afeto na prática pedagógica, finalizando apresento as considerações finais do trabalho.

## CAPITULO 1

“Refletir sobre as inserções da criança nesse mundo contemporâneo, vivendo em uma cultura letrada, globalizada e informatizada, significa ainda pensar nas relações que, desde muito cedo, ela estabelece com os elementos constitutivos dessa cultura e nas exigências decorrentes dessa relação”. (FARIA, 1999, P.58)

### 1.1 AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE ATRAVESSA A PESQUISA

Durante a formação que tivemos no curso de Pedagogia, um dos principais eixos se não o principal foi a Infância<sup>1</sup>. Foram temas diversos e significativos que pudemos conhecer no que diz respeito a este conceito. A apropriação dos conteúdos foi impactante, pois com o decorrer do tempo fomos percebendo a transformação e a valorização das crianças como “sujeitos de direitos”. Conforme preconiza a ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em seu art. 15: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”. (BRASIL, 2005, p.15)

Sabemos que as crianças sempre existiram, porém o modo pelo qual olhamos para sua convivência social, suas relações e interações são mais recentes. Na década de 80 muitas conquistas para os pequenos foram alcançadas, porém ainda há muito para ser feito. Vários são os documentos que estabelecem diretrizes para que as crianças possam ter uma Educação Infantil de qualidade. Podemos aqui destacar: Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (2009), Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009), Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil (2008), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), dentre outros. Todos os documentos acima citados estão embasados na lei maior existente em nosso país, ou seja, Constituição da República Federativa do Brasil (1988). “Porém, para que a documentação existente (...) se traduza realmente em melhores oportunidades educacionais para todos e em apoio significativo às famílias (...) é preciso que as creches e as pré-escolas, que agora fazem parte

---

<sup>1</sup> Eixo Educação e Infância I, II e III (relacionados às concepções, campos disciplinares e aspectos históricos da infância e das instituições escolares de Educação da criança). Educação e Infância IV, V e VI e VII (específicos à Educação Infantil – E.I; estágio em Educação Infantil). Educação e Infância VIII (específico aos anos iniciais do Ensino Fundamental – E.F)- Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – 2008.

integrante dos sistemas educacionais, garantam um atendimento de boa qualidade”. (Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, 2009).

Esta pesquisa pauta-se em uma concepção onde a criança realmente é o centro, uma pessoa de pouca idade, com estatura inferior a dos adultos, porém com contribuições expressivas, significativas e com direitos garantidos, seja na participação, proteção e provisão<sup>2</sup>. Acredito que como sujeito sócio-histórico e cultural as crianças tecem relações e vivenciam suas experiências seja criança-criança, criança - adulto, criança - mundo e assim, poderão ser reconhecidas por nós, como sujeitos produtores de culturas. Na Declaração Dos Direitos da Criança os três “p” são contemplados de maneira clara situando as famílias sobre a responsabilidade de fazer valer os direitos dos pequenos. No Princípio 2º, do ano de 1959, p.49 consta que:

A criança gozará **proteção** especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, espiritual e social de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na promulgação de leis, visando a este objetivo, levar-se-ão em conta, sobretudo, os interesses superiores da criança.

Considerando o lugar da História para pensarmos a infância, podemos afirmar que há muito tempo atrás as crianças eram consideradas adultas em miniatura, ou seja, elas conviviam com os adultos, vestiam-se como eles e participavam da vida social como tal (ÀRIES, 1981). Hoje, no entanto, as crianças são consideradas e tratadas como crianças. Será? Depende muito da concepção que se tem de criança e infância. Na atual sociedade em que as mesmas estão inseridas temos que refletir sobre o papel delas e suas contribuições para que sejam reconhecidos como sujeitos de direitos, atores sociais que participam plenamente da cultura societal.

Há várias políticas públicas elaboradas para as crianças, portanto será que são efetivas na prática? Vemos muitas infâncias em contextos diversificados. Enquanto crianças menos abastadas são obrigadas a trabalhar para ajudar na complementação da renda familiar, por muitas vezes são essas crianças que sustentam suas famílias; e muitos outros contextos, adversos a condição infantil são enfrentados por muitas crianças em nosso país. Criança com um poder aquisitivo superior usufrui de privilégios oferecidos por seus progenitores tais como: aulas de inglês, balé, esportes diversos, viagens, etc.

No entanto é preciso fazer as seguintes perguntas: Será que algumas das crianças que vivenciam estas situações ambíguas deixam de ser criança e viver sua infância? Será que as crianças que tem diversas atividades culturais e esportivas também não estão sendo

cerceadas? E a criança que trabalha não vive a sua infância? Mesmo o trabalho sendo uma atividade do mundo adulto, há um conjunto de crianças que está inserido neste contexto laboral, por vários aspectos. Tais como: necessidade de auxílio no sustento da família, por exploração de mão de obra barata ou até mesmo por questões culturais, no preparo para a vida adulta. Não podemos naturalizar os fatos, mas refletir sobre os mesmos.

As crianças vivenciam uma condição social, pelo modelo de sociedade em que se encontram. Neste sentido, as crianças inseridas no mundo do trabalho não podem ter seus direitos violados. Deve ser preservado o direito à vida, ao brincar, à escola, à saúde e a infância. Respeitando as especificidades de cada criança (etnia, sexo, religião, cultura), através da pluralidade cultural acontece a reflexão para a mudança dos pensamentos. Mesmo que tardiamente toma-se conhecimento de que deve haver um cuidado especial com a infância. Sendo assim, a garantia dos direitos depende de outros parâmetros. “O coletivo não é tornar todos iguais, é preciso reconhecer pela diferença e não pela igualdade, é necessário educar contra a barbárie, sob uma perspectiva de uma formação cultural e crítica”. (BAZÍLIO e KRAMER, 2006, p. 85).

Acredito que dentro das instituições de educação infantil as práticas pedagógicas são diversificadas, até porque somos sujeitos diferentes seja na cor da pele, na aparência e nas atitudes. Ao longo do curso lemos, estudamos e debatemos que cada criança é diferente uma da outra, este fato é inquestionável, cada uma tem uma especificidade, habilidades, ou seja, não existe uma “criança ideal”.

De acordo com Sarmiento (2001), diferentes variáveis sociais influenciam nos papéis sociais atribuídos à infância. A classe social em que está inserida, a cor da pele, dentre outros fatores, ainda são elementos que influenciam nas formas de atendimento e nas expectativas com relação às crianças. Cabe aos profissionais que se relacionam com estas crianças no interior das instituições valorizarem suas condições e trabalhar em conjunto com todas as crianças dando ênfase as diversas culturas e produções infantis existentes neste contexto. É preciso ter uma concepção de criança sempre partindo da ideia que elas são competentes e capazes. Os referenciais existentes voltados para a área da Educação Infantil apresentam princípios para nortear a prática dos profissionais, apresentando normas, condutas, enfim, orientam princípios para a prática pedagógica no âmbito das creches e pré-escolas. Dentro destas orientações estão os espaços, os recursos, os tempos. Sendo assim:

O educador é convocado a favorecer as condições de ação das crianças; ter sensibilidade e disponibilidade; ser companheiro de brincadeiras, estabelecer cumplicidade. Assim, ludicidade, a continuidade e diversificação das experiências

garantem a produção de significados, fundamental na estruturação das aprendizagens, na relação com o mundo externo, na socialização. (GUIMARÃES; LEITE, p.5, 1999).

O papel do educador é de fundamental importância na educação dos pequenos, sendo que a figura dos adultos nas relações gera crescimento para as crianças e para os profissionais envolvidos neste processo. O objetivo da educação infantil é o da complementação da família no que diz respeito à formação do indivíduo, seja nas relações que são tecidas ao longo do percurso em que as crianças frequentam as instituições de educação infantil.

Sendo assim, a afetividade não pode ficar desvinculada das práticas na Educação Infantil, pois, cada vez mais as crianças chegam às instituições em tenra idade, ali passam a maior parte do tempo formando-se como sujeitos. Neste caso o papel do professor é extremamente significativo, pois este profissional será a referência para as crianças que estarão com o mesmo durante um ano inteiro e por cinco longos anos. Neste caso é preciso que o professor estabeleça durante sua estada com os pequenos um ambiente acolhedor, estabelecendo ao convívio: o respeito, a confiança, segurança, afetividade, proporcionando bem estar.

“O papel do adulto profissional é central, já que é ele quem, na relação pedagógica com as crianças, cria condições para que se estabeleçam relações entre elas, com os profissionais, com os objetos e demais elementos circundantes”. (COUTINHO, 2010).

Assim, a relação não deve ficar restrita apenas as práticas pedagógicas com planejamentos de atividades mecanizadas. É difícil modificar uma prática engessada, porém temos que fazer o exercício da reflexão, da escuta dos pequenos, exercerem a alteridade, ou seja, colocar-se no lugar do outro. As crianças precisam ser ouvidas e compreendidas. Se fizermos este exercício será um bom começo para mudarmos a prática pedagógica e tecer relações acerca da *pedagogia do afeto*<sup>2</sup>. Com estes argumentos não estou querendo afirmar que serão somente com as “relações estreitadas” que o andamento se dará. Valem ressaltar que com uma rotina estabelecida precisamos nos ater sobre estes raros momentos dando abertura e possibilidades para que aconteçam.

Sabemos que nas instituições de educação infantil, existe uma organização da rotina para que as atividades e outros afazeres possam ser executados, no entanto esta é uma visão adultocêntrica e escolarizada. Acredito que devemos ter uma sensibilidade apurada para não ficarmos na rotina rotineira. O simples gesto de pegar na mão da criança, valorizar suas produções, suas manifestações culturais, suas diversidades e especificidades contribuem para

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao texto de Ana Maria Borges de Sousa, Reflexão itinerante: Por uma Pedagogia do Afeto na escola.

construirmos processos de interação com as crianças que favoreçam o afeto. Não rotular, estigmatizar é ação que permite com que a criança desenvolva sua identidade. Segundo Coutinho (2010): “(...) as relações educativo-pedagógicas com as crianças pequenas são bastante amplas, abrangendo um processo de inserção em várias situações da vida social”.

A relação interpessoal é essencial para o professor, pois esta relação é a capacidade de se relacionar com outras pessoas, criar empatia e entender reações. É preciso que os professores tenham um olhar apurado, saber usar seus conhecimentos teóricos e as práticas para ajudar a construir as relações com os outros de forma respeitosa.

## 1.2- CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE INFÂNCIA

“A perspectiva da Educação Infantil tem indicado a necessidade de colocar a criança como ponto de partida para a organização do trabalho pedagógico e de ensaiar uma aproximação aos universos infantis buscando estranhar o que parece familiar”. (CERISARA, 2002, p.2)

É de suma importância nos desfazer de preconceitos e estigmas, pois antes de pensarmos o local da pesquisa como um lugar em que colocaremos as teorias aprendidas em prática foi preciso entender que será um local em que precisaremos desconstruir muitas concepções que estão postas, ampliando nossos conhecimentos, e apurando com sensibilidade nossos olhares. Vale ressaltar que quando adentramos na pesquisa, estamos observando fragmentos das práticas existentes, neste caso não podemos fazer comentários que possam ser “juízos de valor”.

Ao pesquisar precisamos estar apropriados das questões éticas que permeiam a pesquisa. Um dos pontos que devemos ficar atentos é quanto “autoria e autorização” (KRAMER, 2002), ou seja, um dos recursos que utilizamos nas pesquisas são as imagens fotográficas ou vídeos, estas imagens só poderão ser usadas se forem permitidas por pais ou responsáveis das crianças envolvidas, assim como também os nomes e fatos vivenciados no interior dos campos de pesquisas. Pesquisar a infância e as práticas pedagógicas existentes nestes contextos não é tarefa fácil, pois que infância irá pesquisar? Sabemos que existem várias infâncias, culturas e indivíduos envolvidos no que se refere ao tema. Ao pesquisar a infância, contexto e as práticas pedagógicas, precisamos ter ciência das “áreas do conhecimento e diante da diversidade de linhas teóricas dentro de cada área, a infância é hoje um campo temático de natureza interdisciplinar, e essa visão se difunde cada vez mais entre aqueles que pensam a criança”. (KRAMER, 2002, p.45)

Enfim pesquisar a infância e tudo o que se refere a ela, é valorizar as crianças e os profissionais que se dedicam a esta área, é permitir que a criança pudesse realmente ter seus direitos garantidos e viver em toda sua plenitude as fantasias, encantamentos e possibilidades na constituição do sujeito criança. Sonia Kramer nos remete a pensar:

Aquele ser paparicado ou moralizado, miniatura do homem, sementinha a desabrochar cresceu como estatuto teórico. Nesse contexto, muitos pesquisadores têm buscado conhecer a infância e as crianças com um conceito de infância e uma prática de pesquisa que podem ter enfoques teórico-metodológicos diversos, mas com os quais as crianças jamais são vistas ou tratadas como objeto. (2002, p.45).

A partir dos textos produzidos acima, do percurso no curso de Pedagogia e das minhas observações das práticas pedagógicas que presenciei e fiz parte, tenho algumas indagações a respeito do tema escolhido para o TCC. Espero que no decorrer da pesquisa possa encontrar algumas respostas para as dúvidas que no momento existem.

1 – Como o afeto aparece relacionado às experiências vividas pelas crianças na primeira infância?

2 – Os professores dividem o afetivo do cognitivo nas práticas pedagógicas com as crianças pequenas?

### 1.3 A AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

(...) Como professor (...) preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (FREIRE, 1996, P.141).

Partindo desta premissa, o bom professor não precisa ser “sisudo”, nem se fazer valer de ameaças com violências simbólicas, para conter as crianças. Um professor não deixará de ser menos respeitado ou reconhecido se estabelecer relações pedagógicas afetivas com as crianças. Existem professores que valorizam apenas o cognitivo, onde fica o afetivo? Acredito que tanto o cognitivo quanto o afetivo estão imbricados, um não acontece sem outro, assim são as relações, precisamos de uma ou mais pessoas para que as mesmas se estabeleçam e criem vínculos. Porém é preciso dosar o tratamento seja quando enfatizamos o lado das

emoções ou afetivo e o cognitivo, o ideal é que as relações tenham um equilíbrio. Neste contexto podemos afirmar que a afetividade é vital em todos os seres humanos, de todas as idades, mas, especialmente, no desenvolvimento infantil. A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos, no relacionamento com o “outro social”, por toda sua vida desde seu nascimento. (BORBA, SPAZZIANI, 2005, p.5).

As crianças passam um terço do dia durante cinco dias consecutivos no interior das creches e pré-escolas, neste caso o educador e as instituições têm papel fundamental na vida das crianças. É preciso acrescentar a sua prática pedagógica as interações, valorizando os diferentes sujeitos que frequentam estes espaços, proporcionado às relações sociais e educativas. É preciso dissociar das amarras ou crenças que o bom professor é o tradicional, ou seja, aquele que somente cuida e educa e não se dispõe para as relações interpessoais com suas crianças, pois através das relações que são estabelecidas o ambiente fica mais alegre, convidativo proporcionado vivências significativas para as crianças quanto para os professores.

Paulo Freire nos deixou contribuições para refletirmos sobre a prática pedagógica e as relações que estabelecemos com os educandos<sup>3</sup>. Com isto Freire (1996) elenca elementos para que os objetivos pedagógicos sejam alcançados, assim a afetividade é um fator circundante e não pode ficar desvinculada das ações que propomos as crianças. “Reinsistir em que não pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”. (FREIRE, 1996, p.143).

Buscar a leveza, a sutileza das crianças nos faz refletir sobre nossas relações e nossas práticas cotidianas. Pensar de um jeito leve, suave, entretanto sem deixar de ser crítico, pensando as relações de adultos e crianças. As crianças a cada dia sinalizam seus desejos, suas curiosidades, ao professor cabe a observação, a escuta, ser um educador atento para promover o desenvolvimento integral das crianças no espaço que estão inseridas. Relações estabelecidas diferenciadas são marcas que ficam pelo resto da vida das crianças que frequentam a Educação Infantil. Portanto é preciso uma provocação diária, para que aconteça a estruturação cognitiva, psíquica, motora para o desenvolvimento das crianças. As ações que fazemos dentro das instituições são educadoras, pois as pérolas estão inseridas neste espaço e basta descobri-las. Além disso:

---

<sup>3</sup> Termo utilizando por Paulo Freire para se referir aos alunos nos vários níveis de ensino.



[...] a afetividade é tão importante quanto a nutrição para os seres humanos, especialmente nas etapas iniciais do seu desenvolvimento. A afetividade interfere na atenção, na concentração, na memória e, conseqüentemente, em todo funcionamento psicológico da criança; seu desenvolvimento saudável depende de mediações adequadas por parte dos adultos que a rodeiam, portanto é tarefa do professor conhecer detalhadamente as diferentes formas de comunicar emoção que a criança utiliza desde seu nascimento. (BÚRIGO, MONTE, 2005, p. 112).

Como sabemos não nascemos humanos<sup>4</sup>, a propósito, vamos sendo constituídos humanos através das relações que estabelecemos no decorrer de nossa existência, temos então que considerar o contexto onde as relações acontecem, ou seja, é preciso considerar o espaço onde as crianças tecem suas relações com outras pessoas, seja esta relação coletiva ou individual, porém com um jeito próprio. A isto se some as múltiplas linguagens: escrita, oral, gestual, corporal, plástica, choros todas tem suas peculiaridades e auxiliam as crianças a manifestarem seus desejos e anseios nas práticas sociais. E mais, nas creches, estabelece-se uma rica diversidade de relações, com diferentes aspectos culturais e com as mais variadas linguagens, inclusive a da pele. Na linguagem pele-pele, o contato físico entre adultos e crianças pode proporcionar relações e aprendizado (...) em todos os momentos: no banho, no sono, no colo, no abraço, no beijo, no parque, na brincadeira, no banheiro, entre outros. (BRAGA, PEIXE, 2005, p.88).

Vale dizer que as relações pedagógicas não se restringem apenas a relação criança-criança, criança - adulto. Para que se tenha um ambiente acolhedor, com proposições que fortaleçam os vínculos entre adulto-adulto, estas precisam ser permeadas de bom senso, respeito aos saberes e concepções dos indivíduos. Pois como adultos, somos uma das referências para as crianças que frequentam este ambiente, promovendo o desenvolvimento social. Como ter uma prática para com as crianças pautada no respeito, na segurança, se o mesmo não acontece entre os adultos? Sendo que a criança constitui seu conhecimento com seus pares, ou seja, com outras crianças, mais também com os adultos. A hostilidade não deve ser instrumento nas práticas relacionadas à educação infantil, os atos que são permeados por esta ação a meu ver refletem na instituição como um todo. Sobre a pedagogia do afeto, Sousa nos remete a pensar que:

Uma pedagogia do afeto é aquela que prestigia a vida em todas as suas dimensões, que autoriza às pessoas uma aprendizagem vivencial de como atuar na sua

---

<sup>4</sup> Estou me baseando nas discussões que tivemos no decorrer do curso, quanto ao processo de socialização dos indivíduos. Cito a lenda de Amala e Kamala “meninas lobas”, encontradas por volta de 1920 na Índia, vivendo no meio de uma manada de lobos.

permanência, mesmo se sabendo impermanentes. O prestígio à vida só é possível quando ancorado em relações de amor, que propiciem aos estudantes e aos professores entrar em contato com as emoções que constituem e conservam a coexistência social. (2011, p.100).

A afetividade pode ser considerada e interpretada sob vários pontos de vista, pois como bem sabemos, esta possui ambiguidades, o negativo e o positivo, sendo em tema que abrange muitos conhecimentos e linhas de investigação. Porém compactuo com “uma pedagogia do afeto se realiza pela identificação de um pelo outro, quando nos sentimos capazes de amar as pessoas e compreendê-las, protegê-las [...] A afetividade abarca qualquer das paixões do ânimo, em especial o carinho e o ódio”. (SOUSA, 2011, p. 100 e 101). Neste caso acredito e procuro praticar o carinho, a compreensão, a proteção, nesta prática o retorno tem sido prazeroso, pois é recíproco. Porém em toda relação, existem os conflitos, neste momento em que os mesmos aparecem minha opção sempre é a prática do diálogo, da escuta para a resolução dos problemas que também permeiam a vida. Sendo que segundo Sousa, o afeto se dá pelo movimento, por isso ele é uma ação sobre si mesmo e o outro, não uma mera expressão verbal. (SOUSA, 2011, p.101).

O papel do professor é mediador e facilitador do conhecimento. Na educação infantil o ofício da criança é o “brincar”, esta ação proporciona as crianças o estabelecimento de regras feitas por elas, mais também pelos adultos. Através dos combinados as emoções afloram, ao profissional que atua na educação infantil, cabe propor neste contexto atividades em que o foco seja as interações com os diferentes sujeitos, promovendo a relação social e educativa. Nossas proposições para as crianças é a de oferecer oportunidades, com um ambiente para garantir as relações com segurança e conforto. A prática pedagógica necessita estar embasada no cuidar e educar, na ética, além disso, entender como acontece com acontece o desenvolvimento humano nos ambientes coletivos, ou seja, nas instituições de educação infantil. Interagir é relacionarem-se com o espaço, os objetos e as pessoas ao redor. Dessa maneira é que se dá a construção do conhecimento. Ao professor cabe oferecer situações que as crianças experimentem possibilidades diversificadas no espaço que estão inseridas, seja na exploração dos objetos ou no relacionamento com as pessoas. O bem-estar, a tranquilidade e confiança são ingredientes para o estabelecimento de vínculos nas relações, tornando este espaço em um lugar agradável para as crianças. Acredito que o professor deve acolher as crianças com carinho, cada uma de forma individual, sem deixar a afetividade em segundo plano, este fato caracteriza-se como um desafio permanente. Pois quando estamos com um

determinado grupo de crianças o cuidado está individualizado a cada criança, porém com integração ao grupo.

Acrescentar à prática pedagógica a afetividade gera condições favoráveis para atender as demandas e objetivos da educação infantil, favorecendo o pleno desenvolvimento das crianças e sua formação como indivíduos. É fundamental conhecer as crianças com quem nos relacionamos refletindo sobre as relações interpessoais que são estabelecidas neste contexto. Sabemos que por vivermos em agrupamentos existem pessoas com quem conseguimos estabelecer uma relação positiva, no entanto há os casos onde os relacionamentos geram conflitos e tensões. Com as crianças acontece o mesmo fato, neste caso os educadores precisam estar atentos aos conflitos existentes na educação infantil, pois as crianças são heterogêneas, assim as mesmas têm suas opiniões, pensamentos, todas estas características precisam ser respeitadas, sem rotular ou estigmatizar. Respeitar essas particularidades que os pequenos apresentam é imprescindível. Acrescentando a prática pedagógica o carinho, o respeito às diferenças e a docilidade a convivência se torna harmoniosa. Pois precisamos primeiramente ver as crianças e posteriormente suas dificuldades sejam elas de relacionamentos ou de aprendizagens.

## CAPÍTULO 2

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.

(Hannah Arendt)

### 2.1 A PESQUISA DE CAMPO

Os dados dessa pesquisa-Trabalho de Conclusão de Curso foram registrados durante o estágio obrigatório da disciplina de Educação e Infância VII: estágio em educação infantil, no período de março a julho do ano de 2012, sob a orientação da Professora Doutora Patrícia de Moraes Lima na comunidade Chico Mendes, situada às margens da BR 282 (via expressa), na parte continental no limite entre os municípios de Florianópolis e São José, no Bairro Monte Cristo, e denominada pelos que ali habitam como Chico Mendes.

A instituição em questão faz parte da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. O grupo em que realizei minhas observações e intervenções foi o grupo 3A, composto por 15 crianças, sendo dez (10) meninos e cinco (5) meninas. Tendo a frente uma professora e quatro auxiliares.

Na ocasião, quando realizamos a primeira visita a comunidade Chico Mendes, como também a instituição em que faríamos o estágio, observei, a cada virada de esquina, como os contrastes revelavam-se. Numa esquina o tráfego, em uma via orações clamando por “DEUS”. Entendi com maior clareza o senso comum da maior parte das pessoas quanto à ideia da comunidade Chico Mendes como um local de extremo perigo, por se tratar de um espaço cheio de estigmas e *maus olhares*, pois percebi este medo refletido nos profissionais da instituição, quando relatavam que tinham medo dos pais ou de “atentados” provenientes da falta de relações entre família-instituição.

Ao chegarmos à Unidade o que mais me chamou a atenção foi um vigilante (para minha surpresa da creche, pois nunca tinha visto) amarrava com muito carinho o tênis de uma criança (menino), isto me tocou profundamente. Em uma instituição de Educação Infantil, todos são educadores, antes de tudo. Particularmente, foi muito significativa esta entrada na comunidade e na instituição. Voltei cinco anos no tempo quando na mesma creche tive o privilégio de fazer meu estágio do magistério em nível médio. Reencontrei uma determinada professora no mesmo grupo e espaço da sala em que fiz minhas observações e intervenções.

Durante o tempo que ficamos na instituição fizemos um reconhecimento do espaço físico da instituição, conhecemos os grupos e suas respectivas professoras com suas auxiliares de sala. Percebi que tudo o que foi debatido anteriormente antes de adentrarmos na creche no que se refere às crianças se tornou realidade e as mesmas foram sinalizando como ocorria o funcionamento da instituição em questão. Numa primeira aproximação com os profissionais da área pedagógica da instituição, os quais nos receberam com grande receptividade, nos explicaram a organização da creche bem como suas ideias expectativas no que diz respeito a nossa inserção e atuação naquele espaço. Com maior fala da coordenadora pedagógica, juntamente com a diretora foram apresentados os documentos construídos no decorrer do seu funcionamento em relação às vivências dos profissionais, das crianças, da comunidade e das relações que foram tecidas.

Com todas as falas ali obtidas, a que mais nos tocou foi a fala de uma professora a qual nos deu a oportunidade de relatarmos nossas experiências na área da educação, e enfatizou ainda que esta vivência entre nós proporcionaria não apenas conhecimento para nós que ali iríamos estagiar, mas que também elas aprenderiam conosco, pois estaríamos numa relação de trocas.

A partir do rodízio realizado pelas duplas para que pudéssemos ter uma pequena vivência em cada grupo, as primeiras relações foram sendo tecidas, porém, em algumas mais, em outras menos. Segundo o que era observado nos grupos, nas aberturas proporcionadas pelas professoras e pela interação com as crianças, decidimos com qual grupo ficaríamos. Definindo por estes critérios, nossa escolha então se deu pelo grupo 3A.

Nossa entrada neste grupo foi muito gratificante, pois fomos recebidas com muito carinho e com cantigas de roda. No decorrer de nossas observações no grupo 3A, fomos percebendo as necessidades da turma, e começamos a focar nossos olhares no que diz respeito às interações. A partir da nossa entrada para ficarmos em definitivo com este grupo, focamos nosso olhar e percebemos como as crianças gostavam de interagir.

No caso, a pesquisa aqui desenvolvida teve como campo esse percurso junto as crianças do grupo 3 A.

## CAPÍTULO 3

“Eu fico com a pureza da resposta das crianças é a vida, é bonita e é bonita”.  
(Gonzaguinha)

### 3.1. INFÂNCIA E AFETIVIDADE: INDICATIVOS QUE AS CRIANÇAS NOS OFERECEM PARA PENSAR O AFETO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Elegerei alguns fragmentos dos meus registros que decorrem do período em que realizei o estágio e que ajudaram a pensar a importância da afetividade na prática pedagógica na ed. Infantil. Vou me restringir à análise das cenas que aconteceram: a primeira quando das observações para escolha do grupo, na instituição em que faríamos o estágio em educação infantil. A segunda, referente a 2 (duas) crianças integrantes do grupo 3 A. Grupo que serviu de referência para as reflexões que agora estou realizando nessa pesquisa.

Sobre a nossa interação com as crianças, foi possível perceber que elas se aproximavam de nós para conversar, brincar ou falar delas mesmas, e não com curiosidade de saber quem era ou o que estávamos fazendo ali. Houve uma maior aproximação da menina Ticiany (com Scheila) e da Sofia (com Simone), ambas do grupo V.

Eu estava sentada, de repente Sofia levantou da cadeira e me deu um abraço fraterno. Fiquei emocionada com a atitude da menina, pois não trocamos sequer uma palavra e aconteceu uma aproximação espontânea. Percebi que no refeitório na hora do jantar ele seguia-me somente pelo olhar. As crianças interagem e mostram seus afetos por diferentes linguagens, era visível o interesse em interagir comigo. Acredito que um olhar, uma escuta mais refinados, atentos ao que as crianças sinalizam, nos dizem de diferentes formas e por meio de diferentes linguagens, foram molas propulsoras para que nossa aproximação fosse recíproca. Como estávamos ainda conhecendo os grupos, chegamos novamente no grupo V, onde Sofia estava inserida.

Conversamos, ela me perguntou onde eu morava e eu respondi logo em seguida eu perguntei para ela onde morava e descobri que ela não pertence à comunidade Chico Mendes. Ela me disse: - eu moro nos prédios Conjunto Habitacional Panorama localizado no bairro Monte Cristo, e me convidou para ir à sua casa. Neste momento percebi que ela gostaria de estabelecer uma relação particular, que não ficasse restrita ao espaço institucional. Talvez porque entre a instituição e sua casa aconteçam “rotinas diferenciadas”. Acredito que

socializar com as crianças seja diferente de socializar com a família, com os colegas, devido à faixa etária.

Para Paulo Freire, um dos eixos que norteiam as relações pedagógicas é a dialogicidade, então o diálogo através da escuta aos pequenos, conduz o educador e o educando ao caminho do respeito e das questões que os mesmos sinalizam para que o processo de ensino aprendizagem alcance os objetivos. Com a formação desta díade, adulto - criança, Sofia sinalizou ser espontânea e aberta a novos relacionamentos não importando se o sujeito escolhido para estabelecer o relacionamento fosse outra criança necessariamente. Com o convite da mesma para que eu a visitasse na sua casa, ela deu indícios que teria outro ambiente, ou seja, um contexto sociocultural específico, bem mais aconchegante, um território neutro, mais ao mesmo tempo de seu domínio próprio, onde nossa relação não estaria sendo compartilhada com as demais crianças da creche. Assim:

O ambiente, nessa perspectiva, é concebido tanto como espaço social de experiência como enquanto condição/instrumento de desenvolvimento. Em cada momento, o indivíduo estrutura sua ação e constrói sua personalidade e sua cognição através de confrontos com o ambiente. Como as relações indivíduo-ambiente são dialeticamente transformadas, aspectos do ambiente que são importantes para a construção de certas habilidades ou conjuntos de significados pela criança em certa idade são substituídos, em outro momento, por outros aspectos do ambiente como fontes privilegiadas para o desenvolvimento. (OLIVEIRA, FERREIRA, 1993, p.63).

Em seguida, ela pediu para que eu contasse a história do Patinho Medroso, peguei o livro e comecei a contar, algumas crianças foram se aproximando para ouvir, pois ressalto que estar junto não é necessariamente relacionar-se, é preciso que os educadores pensem em situações, pois as crianças aprendem com os adultos, mas principalmente entre elas. Penso que a compreensão, o carinho, o cuidado, a partilha contribuem para as descobertas seja das crianças como dos adultos. O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. (FREIRE, 1996, p. 67)

Nos momentos que estivemos na unidade, observamos que não é somente o cuidar que norteia a prática pedagógica, a interação de algumas profissionais para com as crianças valoriza as ações das crianças. Percebemos que até mesmo quando uma das profissionais que atuava no grupo 3A trocava as crianças sua ação com as crianças eram prazerosas, havia realmente uma troca/interação entre criança e adulto. Madalena Freire (2008) contempla que:

Para rir e brincar, enquanto aprendemos e ensinamos, é necessário querer bem. Acreditar que o outro é (sempre) capaz de aprender, onde o riso e a alegria são instrumentais exercitados no jogo de sua aprendizagem. Rir, brincar, alegrar-se são elementos constitutivos do conhecer e, ao mesmo tempo, construtivos da busca permanente da felicidade. (p.30)

Não podemos deixar de contemplar as ações das crianças, elas são amorosas umas com as outras. Neste dia, percebi, assim que adentrei no espaço da sala do grupo 3A, que Thiago não estava bem. O mesmo estava desanimado, cansado, indisposto. Ele procurou um canto para se aconchegar. Respeitamos este momento, pois seus olhos estavam irritados, seu nariz estava com coriza. O mesmo passava as mãos na cabeça. Acredito que através deste gesto, ele estava sinalizando que a mesma estava doendo. Mais uma vez as linguagens se fazendo presentes para que a comunicação fosse entendida. Destaco que neste grupo, uma das linguagens mais predominantes era o choro, a fala estava em segundo plano, acredito que por estarem na instituição pela primeira vez. De repente quando percebi, Ruan estava ao lado de Thiago, lembro-me que os dois começaram a conversar, tentei me aproximar para entender a pronúncia de suas falas, porém, fiquei mais distante para não atrapalhar este momento de interação e de cuidado que principalmente por parte do Ruan estava acontecendo. Como não se emocionar com este fato? Como as crianças nos mostram a fraternidade, solidariedade e preocupação com o outro, ou seja, por estarem interagindo estes são seres que se constituem como sujeito na relação com o outro.

Segundo Oliveira e Ferreira (1993): “No contexto creche, onde poucos adultos são responsáveis por cuidar de um grande número de crianças pequenas e educá-las, os parceiros mais disponíveis para cada criança interagir são outras crianças pequenas”. Neste dia Ruan não deixou Thiago sozinho, estava sempre próximo do mesmo e foi muito prestativo, quando imaginei que as surpresas e aprendizados tinham findado, mais uma vez o Ruan mostrou-se um amigo, estas práticas de aprendizagem, de relacionar-se com o outro seja através do toque, o olhar, o afago são formas e expressões de linguagens que os pequenos utilizam com sabedoria. Ainda neste dia Thiago estava um pouco indisposto, sem apetite. Ruan percebeu que Thiago não estava bem e na hora da janta sentou ao lado dele fez carinho e num gesto de muita sensibilidade tentou dar comida na sua boca. Eu confesso que fiquei emocionada com este ato.



Figura 1: Ruan – momento de interação, afetividade e carinho.



Fonte: O autor.

Figura 2: Thiago – um momento de interação, afetividade e carinho.



Fonte: O autor.

Hoje em dia, geralmente o padrão de família nuclear tomou outra proporção, ou seja, antes as famílias eram compostas por muitos filhos. Nos dias atuais, sua composição é de no máximo 2 (dois) filhos. Sendo assim, é no contexto da Educação Infantil, que as crianças procuram interagir/relacionar-se com o outro (criança). O que pretendo dizer com isto é que com a escassez de crianças no ambiente doméstico, as crianças buscam estratégias para se relacionarem. Desenvolvimento humano é um processo socialmente construído de emergência significado e aquisição da própria identidade. É ponto focal perceber em que medida crianças que ainda não falam claramente constroem, brincam, dividem afeto e mútua compreensão para que, pela interação com companheiros, formem sua maneira pessoal de lidar com as coisas do mundo (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO FIOCRUZ, 2008, p.140).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é o fio condutor e fator primordial que delimita as relações que as crianças irão tecer durante o percurso na educação infantil. Deste modo famílias e professores precisam cultivar este sentimento para que as relações possam ser estabelecidas com respeito, carinho e confiança. O professor precisa ter a consciência de que é o mediador deste processo dentro das instituições de educação infantil. Neste caso a motivação, o interesse, o prazer em construir junto às crianças uma relação salutar é de responsabilidade deste profissional, ou seja, somos referências para as crianças. Ressalto que para se obter uma relação dentro das condições acima citadas, os professores precisam conhecer as crianças e as relações que são tecidas no âmbito familiar.

O professor precisa conhecer (...) suas necessidades. É necessária sim uma grande dose de afeto, de empatia e de segurança. Caso contrário as pessoas não falam, não se libertam (...) não conseguem transpor barreira nenhuma de timidez, que pode não estar presente em todos (...) mas em muitos deles (KRAMER, 1999, p.90).

Somos muito importantes para os pequenos, neste caso precisamos ter uma relação afetiva consistente com eles, pois este processo envolve aspectos sociais, pedagógicos, emocionais, cognitivos, orgânicos. Enfim, temos que considerar a criança uma pessoa completa.

Considerando o modo como compreendemos as relações pedagógicas e os vínculos com a afetividade, não pretendo apresentar sugestões para as práticas exercidas com as crianças nos espaços e tempos no que se refere a educação infantil. Considero pertinente que os profissionais que se dedicam a esta faixa etária, tenham como pressupostos aspectos gerais para a organização no contexto da educação infantil, contemplando o desenvolvimento integral da criança, privando pelo bem estar com contribuições para o desenvolvimento sócio-afetivo. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9394/96, em seu artigo 29 contempla que: a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade, o desenvolvimento integral da criança, até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (p.6) Some-se a isto o contexto e todo o seu entorno onde ocorrem às relações pedagógicas precisam ser consideradas através dos instrumentos que norteiam a prática pedagógica dos profissionais da educação infantil dentre eles o planejamento. Quando oferecemos um

ambiente favorável às interações, estamos partilhando saberes, trocando conhecimento, por meio do empenho, esforço, e disciplina para que de fato as propostas sejam significativas no que se refere às relações seja para os profissionais quanto para as crianças envolvidas neste processo. Rousseau (apud CERISARA, 1990, p.101) enfatiza que:

Diz que a observação é um instrumento indispensável para o trabalho do professor no conhecimento das particularidades de seus alunos. Tendo por finalidade a educação segundo a idade e a educação segundo o caráter. Ao passo que o educador deve conhecer as características gerais da infância e as peculiaridades de cada criança.

A observação, através dos elementos que as crianças fornecem para enriquecer a nossa prática e os momentos que vivenciamos com elas, são subsídios para que os vínculos sejam firmados nesta díade criança - adulto. A escuta aos pequenos é fator circundante para estabelecermos um ambiente que seja pautado no respeito, na confiança, que ofereça segurança facilitando o entendimento entre criança-criança, criança - adulto. Com estas ferramentas penso que se pode planejar registrar, comunicar as famílias sobre as vivências de seus filhos na instituição de educação infantil, e dar subsídios para que de fato possamos exercer nossa função de educadoras da educação infantil com comprometimento não só cuidando, mais educando estas crianças que passam praticamente doze horas por dia nessas instituições. Visando uma educação de qualidade. Os projetos que acontecem nestes contextos precisam contemplar as especificidades das crianças, os anseios, os medos, os desejos, para o aumento de seus repertórios, considerando as diferentes linguagens, com parâmetros para que as crianças possam distinguir que relações podem estabelecer com o “outro”, seja este adulto ou criança. Ou seja, devemos, ouvir e observar as crianças para aprender com elas junto com suas dúvidas e questionamentos que tem a respeito do mundo que as cerca, colocando-as no centro do processo. Buscar a proximidade com as crianças é primordial, seja por meio de um estímulo, um afago ou um olhar diferente, para entendê-los e auxiliá-los na formação como sujeito sócio-histórico e cultural. Parece que as rotinas pré-determinadas pelos adultos engessam as interações, não dando margem para que sejam de fato contemplados os ritmos das crianças e suas especificidades. É desejável que as relações sejam estabelecidas e criem vínculos nas instituições de educação infantil, pois quando firmadas o adulto exerce sobre cada criança uma reação, esta poderá ser positiva ou negativa, entretanto a mesma reflete sobre os pais, passando confiança aos mesmos para que sintam segurança para deixar os pequenos aos cuidados dos profissionais, ou então gerar conflitos entre os mesmos. Concluindo sendo as instituições de educação infantil é um dos lugares onde acontecem os

enfrentamentos no que se refere às relações o comprometimento com o seu fazer pedagógico é um grande aliado, neste fazer as relações estão intrínsecas. Para que de fato a educação infantil tenha qualidade é preciso que seja um espaço disponibilizado para o pleno desenvolvimento das crianças, valorizando suas potencialidades e capacidades, valorizando suas perguntas, suas produções e tudo que se refere a sua cultura. Oportunizando, um ambiente de satisfação, de crescimento pessoal, contribuindo com a relação interpessoal, onde elas possam viver suas infâncias e desfrutar dessa fase encantadora que é ser criança em toda sua plenitude e desfrutar de seus direitos.

## REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe. **Historia social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAZÍLIO, Luiz Cavaliere, Kramer, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. – 2ª Ed.- São Paulo: Cortez, 2006.
- BORBA, Valdinéia Rodrigues de Souza; SPAZZIANI, Maria de Lourdes. **Afetividade no contexto da Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3476> Int.pdf. Acesso em: 28/04/2013.
- BRAGA, Aucy Bernini. **Estrutura e funcionamento da instituição de Educação Infantil / Aucy Bernini Braga, Débora Cristina de Sampaio Peixe**. – Florianópolis: UDESC/CEAD, 2003. (Caderno Pedagógico). In: SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: Impactos na condição social e na escolaridade. R.J. DP&A, 2001.
- BRASIL, CNE/CEB. Resolução nº 5/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília - DF – 2009.
- \_\_\_\_\_, MEC/SEB. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília - DF – 2009.
- \_\_\_\_\_, **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Ministério da ação social, 1990.
- \_\_\_\_\_, MEC, SEB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília – DF – 1996.
- BÚRIGO, Sandra Adriana Neves Nunes, MONTE, Jaime Bezerra do. **Desenvolvimento Infantil**. – Florianópolis: UDESC/CEAD, 2005. (Caderno Pedagógico).
- CERISARA, Ana Beatriz et al. **Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil**. In: **Revista Eletrônica “Zero-a-seis”**. Florianópolis: CED/NUPEIN, v. 05, 2002, p. 1-13.
- \_\_\_\_\_, Ana Beatriz. **Rousseau: A educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.
- COUTINHO, Angela S. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese – Doutorado em Estudos da Criança, Área Sociologia da Infância. Braga: Universidade do Minho, 2010.
- Declaração dos Direitos das Crianças. **Assembleia Geral das Nações Unidas**, 1959.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Teses)
- FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor** – São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GUIMARÃES, Daniela; LEITE, Maria Isabel. **A pedagogia dos pequenos**: uma contribuição dos autores italianos. In XXI Reunião anual da ANPED, 1999. (digitalizado)

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. **Cadernos de Pesquisa**: revista de estudos e pesquisa em educação, São Paulo, n.116, p. 41-59, jul. 2002.

\_\_\_\_\_, Sonia et al (org). **Infância e educação infantil**. São Paulo: Papiros, 1999.

OLIVEIRA, Z.M.R E ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil**. **Cadernos de Pesquisa**, 87, 62-70, 1993.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: Creche Fiocruz. Rio de Janeiro: **FIOCRUZ**, 2008.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; FARIA, Ana Lucia G. de. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia /**. 1999.

SOUSA, Ana Maria Borges de. Módulo 1: **gestão do cuidado e educação biocêntrica /** Ana Maria Borges de Sousa, Denise Soares Miguel, Patrícia de Moraes Lima. – Florianópolis: UFSC-CED-Nuvic,2011.

[www.ufsc.br/pt.Scribd.Com/doc/56432058/Pedagogia-UFSC-Projeto Pedagogico-2008](http://www.ufsc.br/pt/Scribd/Com/doc/56432058/Pedagogia-UFSC-ProjetoPedagogico-2008-PDF) – PDF. Acesso em 01/05/2013. P. 18 - 51.